

SANDRONI, Luciana (org). Revista da Biblioteca Mário de Andrade, número 73 — Monteiro Lobato. São Paulo: Departamento Biblioteca Mário de Andrade, 120 páginas, 2019.

Gustavo Krieger Vazquez¹

A tradicional *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, em seu septuagésimo terceiro número, foi dedicada a Monteiro Lobato, com artigos escritos por estudiosos de renome. Diversificada, resgatando imagens e textos raros, oferece interessantes visões sobre o autor de Taubaté. Vejamos cada seção individualmente.

Em “Apresentação”, Luciana Sandroni, editora do volume, fala brevemente das férias de sua infância, quando lia as obras de Lobato, e tece considerações gerais sobre a vida e obra do autor, além da influência que ele exerceu em sua carreira. Três obras que tratam do folclore nacional são mencionadas: *Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, *O Saci* e *Histórias de Tia Nastácia*.

O primeiro artigo que compõe o volume intitula-se “Monteiro Lobato, o Jeca Tatu, o catolicismo, o comunismo, os negros”, de Marisa Lajolo. Apesar de breve, lança questões importantes e sugere soluções pertinentes aos conflitos que as obras de Lobato têm gerado. A autora inicia indicando como os “desentendimentos” não são questão recente, citando alguns exemplos disso: as críticas que o autor recebeu na década de 1910 pelo modo negativo como enxergou o caipira brasileiro em seus artigos “Velha praga” e “Urupês”; um educador que criticou em 1922 uma cena de *A menina do nariz arrebitado* que satiriza o clero, e que foi posteriormente alterada; as acusações, na década de 1930, de que Lobato estaria defendendo ideias comunistas; até um caso ocorrido em 2010, com o MEC pedindo a suspensão de *Caçadas de Pedrinho* nas escolas. (Cabe a nós perguntar por que razão esse livro específico caiu na mira do MEC: por satirizar a burocracia de uma entidade governamental, talvez?).

¹*Doutorando em Literatura pela Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Letras, Curitiba, Paraná, Brasil. kriegervazquez@hotmail.com.



Lajolo afirma ser contra qualquer tipo de suspensão, supressão ou reescrita das obras de Lobato, argumentando a favor de uma leitura mais refinada. Ao tratar do racismo supostamente presente nos livros infantis do autor, a estudiosa exemplifica com uma passagem de *Peter Pan*, em que a personagem Emília age de forma preconceituosa, chegando a receber advertências de outros moradores do Sítio do Picapau Amarelo, que exigem respeito, por parte da boneca, em relação a Tia Nastácia — isto é, Lajolo indica o perigo de se confundir as ideias de uma personagem com as do seu autor; no caso, tomar Emília por Lobato.

O destaque dessa coletânea é “Mistificação da paranoia”, de Vladimir Sacchetta, autor do já clássico *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. Problema ainda atual é a crença pouco fundamentada de que Lobato era contra certos artistas do modernismo ou mesmo contra o movimento como um todo. Algumas origens de tais crenças são expostas e, podemos dizer, desmistificadas. Caso notório é o artigo “Paranoia ou mistificação”, publicado em *O Estado de São Paulo* em 1918 e, dois anos depois, em *Ideias de Jeca Tatu*, no qual há críticas a Anita Malfatti. Sacchetta analisa o artigo, negando certas generalidades e indicando, por exemplo, o apoio dado por Lobato a Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, que tiveram obras suas publicadas pela editora Monteiro Lobato & Cia em época em que poucas editoras se arriscavam com autores iniciantes — obras essas cujas capas foram desenhadas pela própria Malfatti. As cartas e artigos trocados entre Lobato e modernistas são compreendidos aqui em sua totalidade, com supostas ofensas e agressões mostrando-se como piadas e provocações feitas entre artistas que bem se conheciam e se estimavam. Também são resgatadas declarações de Mário e de Oswald de Andrade que, na década de 1940, reconheceram o valor de Lobato para o próprio modernismo. O artigo termina com certas considerações feitas por Antonio Candido sobre o escritor.

Cilza Bignotto é a autora do artigo “Monteiro Lobato e Kurt Weise, ou de rinocerontes fugidos a sacis americanizados”, em que explora a carreira de Weise, artista que ilustrou algumas obras do criador de Emília. As suas desventuras são das mais variadas: natural da Alemanha, lutou na Primeira Guerra Mundial; foi feito prisioneiro e ficou longos períodos em Hong Kong e na Austrália; de volta à Alemanha, ilustrou livros do que chamam *Afrikabücher*,



livros infantis que tratam das colônias africanas, além de ter produzido algumas animações; veio ao Brasil e trabalhou com Lobato, com seus trabalhos alemães influenciando, de acordo com a pesquisadora, algumas obras do autor brasileiro; seguiu aos Estados Unidos, onde escreveu e ilustrou vários livros infantis, inclusive uma espécie de versão de *O Saci* intitulada *Little Boy Lost in Brazil* (1942).

Apesar de também explorar certos aspectos de Lobato como editor, o artigo de Bignotto busca mais jogar luz na carreira de um artista que acabou caindo no esquecimento. Entre as obras de Lobato ilustradas por Wiese, está *A caçada da onça*, reintitulada posteriormente *Caçadas de Pedrinho*. Notamos que a edição de tal obra recentemente feita pela Biblioteca Azul (2015) inclui alguns desenhos do artista alemão.

Eliane Debus, outra pesquisadora que figura na edição da revista, possui grande experiência em literatura epistolar: sua dissertação de Mestrado, *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*, trata das correspondências recebidas pela autora catarinense Maria de Lourdes Krieger de seus leitores; sua tese de Doutorado, *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores*, entre outras questões lida com as missivas recebidas e enviadas pelo autor de *Urupês*. O artigo “De volta ao remetente: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores crianças” é, de certa maneira, uma versão sucinta de ideias expostas nessa tese. Foca-se nas cartas trocadas entre Lobato e dois leitores específicos que, tendo conhecido a obra do autor durante a infância, mantiveram contato com ele ao longo de anos. Debus mostra a cordialidade do famoso autor, que muito se preocupava com seus leitores. Não só, o contato entre autor e crianças chegou a influenciar obras como *O Picapau Amarelo*: mais de vinte pequenos correspondentes são mencionados por nome em determinado momento da narrativa.

Do mesmo modo como Debus, Sônia Travassos também partiu de sua dissertação para compor o artigo “Lobato e escola: por que ler obras clássicas com as crianças de hoje?”. Após posicionar a literatura infantil de Lobato como imaginativa e de apontar como ela reflete valores nacionais, indo contra a estrutura reinante no início do século XX — onde as histórias infantis eram moralizantes e com influências europeias (ou de fato europeias) —, Travassos



cita os estudos de José Penteadó e da própria Eliane Debus, que mostram como, ao longo do tempo, a obra infantil de Lobato moldou seus leitores.

No artigo, somos apresentados a um exemplo tomado das pesquisas feitas por Travassos: o uso de obras do Sítio do Picapau Amarelo em uma escola do Rio de Janeiro, onde se observaram certas adaptações feitas por parte de uma professora, como explicações para tornar as histórias compreensíveis para os tempos atuais, o uso de imagens e vídeos, teatralização etc. Além disso, dada a multiplicidade de vozes presentes na ficção infantil de Lobato, a estudiosa aponta como essas obras incentivam a conversa entre alunos e professores, que podem discutir e tecer considerações sobre as diversas opiniões apresentadas pelas personagens.

A revista conclui com uma lista de obras sobre e de Monteiro Lobato encontradas na Biblioteca Mário de Andrade. Nota-se que a revista possui uma seção “Informe da BMA”, com matérias relacionadas à Biblioteca, mas que fogem completamente ao escopo lobatiano.

O número 73 da *Revista da Biblioteca Mário de Andrade* é uma ótima adição à biblioteca de qualquer estudioso de Lobato, abarcando vários aspectos de sua carreira — obras adultas e infantis, seu trabalho como editor, suas cartas. É bastante expositivo em certos momentos, e alguns pontos podem até soar mais como curiosidades, para um leitor não familiarizado com a obra lobatiana. Porém, apesar de ser sobre autor já tão estudado, mesmo assim é valerosa uma coletânea como essa, dada a originalidade das abordagens propostas. Ela resgata informações pouco conhecidas e, apesar da brevidade, os autores dos artigos conseguiram articular raciocínios de forma precisa contra certas crenças rasteiras que assombram a obra de Monteiro Lobato e os estudos a respeito dela. Há embasamento, também, para professoras e professores de ensino básico que utilizam as histórias do Sítio do Picapau Amarelo em suas aulas. Além disso, a revista recebeu um trabalho gráfico excelente (o diretor editorial é Charles Cosac, da saudosa Cosac Naify), contendo fotos de Lobato e ilustrações coloridas de suas obras e de Kurt Wiese, além de imagens originais das cartas recebidas pelo autor de Taubaté.

